

## LÁ VEM A BANDEIRA... OS REIS E SEUS ATORES

Mauro Passos<sup>1</sup>

**RESUMO:** A religiosidade popular manifesta-se por meio de rituais, festas, comemorações e celebrações. Alicerçadas em elementos místicos, as tradições populares integram o natural, o social e o sagrado. Este artigo faz um estudo das “Folias de Reis”, particularmente em duas cidades do interior de Minas Gerais. Foram utilizados os procedimentos metodológicos da história oral, através de um conjunto de depoimentos. A religiosidade faz parte da cultura das classes populares. Seu estudo é um importante instrumento para a compreensão das raízes culturais e históricas do povo brasileiro. Na verdade, trata-se do mundo de Deus e mundo dos homens, ancorados no rio da vida. As Folias de Reis estão permeadas por múltiplos atores, lastreadas de continuidades / descontinuidades. Em vista disso, é necessário analisar seu significado e sua dinâmica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religiosidade popular, misticismo, história, cultura

**ABSTRACT:** People's religiosity is expressed by means of rituals, feasts, commemorations and celebrations. The popular traditions, which are based on mystic elements, encompass the natural, the social and the sacred. This article is a study about the "Folias de Reis" (the Three Magi Festivals), in the particular case of two towns in the State of Minas Gerais' countryside. It was used the methodological procedures of Oral History, and several personal statements were taken. Religiosity is part of the culture of the popular classes. Its study is an important tool for understanding the cultural and historical roots of Brazilian people. In fact, it deals with the world of God and world of men, anchored in the river of life. The "Folias de Reis" are permeated by multiple actors, and grounded in continuities and discontinuities. Bearing all this in mind, it is necessary to analyze their significance and its dynamics.

**KEYWORDS:** popular religiosity, mysticism, History, culture.

Os reis saíram de viagem  
Cumprindo o grande destino  
Batendo de porta em porta  
Procurando Deus menino  
(Francisco Garbosi)

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia de Roma / UPS (Itália), Professor do Mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor e Pesquisador visitante do Mestrado do IPT e UTAD do Instituto Politécnico de Tomar, em Portugal. E-mail: mauruspax@yahoo.com.br.

As diversas formas de manifestação religiosa têm ocupado o cenário social, através dos meios de comunicação, grandes concentrações e outras formas de expressão. Em pleno século XXI, o ser humano continua procurando a alternativa religiosa para resolver seus problemas, expressar seus sentimentos e ativar a memória coletiva. O catolicismo popular brasileiro conserva seus códigos próprios, suas metáforas e sua linguagem. Nem sempre é fácil decifrar seu significado, pois seu caráter metafórico e performativo sobrepõe um processo de produção de sentidos silenciados. Nesse sentido Michel de Certeau lembra que "a linguagem popular diz uma coisa querendo significar outra".<sup>2</sup>

Considerarei neste estudo as seguintes dimensões:

1. Os condicionamentos históricos do catolicismo popular brasileiro;
2. As folias de reis – significado e evolução

A experiência religiosa nos meios populares apresenta-se de forma metafórica e impregnada com o cotidiano da vida. É, na verdade, o mundo de Deus e o mundo dos homens ancorados no rio da vida. O catolicismo popular está marcado pelos ritos e pelo acesso (mágico) ao sagrado, através do misticismo e da experiência espiritual. Segundo SANCHIS (1992, p. 59): "A comunicação com o numinoso é feita por percursos de pensamento e de acção simbólicos. Ora esta forma de pensamento se não é própria da religião e da magia, é-lhe no entanto comum".

### **1. O povo, a cultura, o tempo**

Os caminhos do povo cruzam diversas estradas: matas, cerrados, sertão, favelas, mangues e cidades. Na composição das distâncias navegam os costumes, o trabalho, a família, a busca de emprego. Nesse mundo em mutação, a vida apresenta diversas formas e possibilidades. Novos horizontes influenciam as idéias, mudam o jeito de ser, transformam o trabalho e relativizam as certezas. Mundo de contrastes. A história da grande maioria dos brasileiros é margeada pelas lonjuras da tranqüilidade, dos afetos, dos direitos e da posse. O que pensar do futuro, frente às incertezas do presente? Um mundo sofrido, anônimo e rústico contrasta com o espaço do prazer, das possibilidades e das certezas. No terreno da

---

<sup>2</sup> Esse autor diz que "o ideal da linguagem é dizer exatamente o que designa. Enquanto para a linguagem popular, dizendo uma coisa, quer designar outra. O tipo de relação é diferente: na linguagem popular supõe-se o interlocutor inteligente; na linguagem técnica, supõe-se a linguagem inteligente". CERTEAU, Michel. Cultura popular e religiosidade popular. **CADERNOS DOS CEAS** (1975), p. 52-59.

diferenciação da estrutura social, pode-se conhecer o popular e o erudito. Comporta um quadro econômico diversificado, nas várias regiões e, ainda, nos diversos grupos. Essa distinção não é só social, implica o componente cultural, em suas variadas formas de manifestações<sup>3</sup>. Hoje, mais do que em outros períodos, indivíduos e grupos ensaiam novos modos de agir e de se posicionar. Há uma imbricação de culturas, interesses e motivos. Com isso, o natural, o social e o sagrado se integram num universo contínuo, mas não linear, pois se trata da construção de símbolos e de uma série de representações, o que implica uma relação mais complexa. As transformações econômicas, culturais e sociais dos últimos anos têm submetido os diversos grupos sociais, particularmente as camadas populares, a um processo de desenraizamento cultural. O homem do campo vem-se tornando um estrangeiro em seu próprio espaço. Esse problema se complica no entrecruzamento da cultura popular com a cultura de massa. Assim a cultura popular veicula tanto os interesses das classes subalternas, quanto os pontos de vista e interesses das camadas sociais dominantes.

A cultura de massa entra na casa do caboclo e do trabalhador da periferia, ocupando-lhe horas de lazer (...) Em outro plano, a cultura de massa aproveita-se dos aspectos diferentes da vida popular e os explora sob a categoria de reportagem popularesca e de turismo (BOSI, 1999, p. 328).

As diversas práticas culturais populares estão em constante movimento. Nesse caminho, é necessário buscar as formas de preservação e manifestação dessas práticas. Considerando-se que o entendimento da cultura é o entendimento de sua dinâmica, a cultura popular está permeada por múltiplos atores, lastreada de continuidades / descontinuidades, contraposta por historicidades diversas. Suas raízes guardam as matrizes indígenas e africanas, particularmente estas. A propósito, o seguinte fragmento de texto de **Casa Grande & senzala** ilustra essa situação: “A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a de senhor e a do escravo; e nunca uma intransponível ou dura barreira” (FREYRE, 2001, p. 410).

---

<sup>3</sup>Segundo Bosi: "Não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um "efeito de sentido", resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo, Ática, 1987, p. 7.

O caminho histórico e sociológico para a interpretação da cultura no Brasil não é linear, sempre foi oscilante. A compreensão não se restringe ao acervo de coisas, objetos, produtos ou realidades. Em um estudo sobre “Religiosidade no Brasil”, Antônio G. Mendonça afirma: “A cultura produz metamorfoses na religião: redesenha os deuses e modifica a ética (MENDONÇA, 1998, p. 40)”. Ela é um processo vivenciado no seio da sociedade, por um conjunto de práticas dispersas. Comporta uma riqueza nas múltiplas maneiras de fazer, atualizar e expressar suas formas, como também de criar, recriar e inventar expressões. Várias metodologias foram-se delineando no estudo da cultura brasileira. Não se pode perder de vista seu processo de formação, marcado pelo vínculo entre colonização e cristianização. No entanto, não é aqui o lugar para discutir as implicações dessa afirmativa, porém, ela nos dá elementos para a compreensão do popular dentro do catolicismo. Na trama ordenada de símbolos, gestos e representações, o catolicismo vai-se entrecruzando com a vida. Dor, alegria, esperança, problemas, anseios, festas, novenas e santos vão compondo o cenário do dia-a-dia. Tais elementos orientam os diversos trajetos e as aspirações humanas. Impulsionado(a) pela mistério da vida, o homem / a mulher do povo busca sua força na esperança de que “Deus sabe o que faz” e “Deus vai nos ajudar”. Essa imagem de Deus deve ser lembrada, celebrada e cantada. Os cantadores da Folia de Reis de Perdões (MG) invocam a proteção do Menino Jesus: “Dai-nos força, Menino Deus, para romper a cada dia a aurora da vida”. Súplica para que o bem acompanhe o grupo, as pessoas da cidade. Numa explosão de vozes e ritmos, a devoção ao Menino Jesus torna-se um elemento consolidador da vida. É sinal de garantia, frente ao mal e às fraturas da realidade. Jeito de ensaiar a segurança e continuar a viver, apesar das dificuldades. Considerando-se a sociedade, é possível perceber que os indivíduos estão vinculados em sistemas sociais diferentes, portanto, os valores culturais e sociais não são os mesmos para todos. Para as camadas sociais periféricas, a integração no todo social não tem a mesma intensidade, pois os valores estão difusos e sua força de integração é diferente, menor.

Do ponto de vista teórico-metodológico, usei os procedimentos da história oral, através de depoimentos. Utilizei na pesquisa de campo conhecimentos sobre questões relativas à memória. Como sabemos, a memória é a base que sustenta e mantém a dinâmica da história. Sem a oralidade e a memória, muitos elementos da cultura popular e das

tradições religiosas populares teriam desaparecido. A opção que fiz, ao estudar as Folias de Reis em duas cidades do interior de Minas Gerais – Itaguara e Perdões, foi definir em primeiro lugar, o significado desta expressão religiosa e, em seguida, analisar seus aspectos históricos, culturais e religiosos. Não é muito fácil entender os textos, as palavras e expressões usadas nos cânticos, pois são extremamente fragmentados. As tradições religiosas populares não se exprimem somente em palavras, mas também em gestos e ações coletivas, nas representações rituais, nas andanças pelas casas, nas procissões, nas romarias. Muitas vezes, existe uma fronteira entre a linguagem verbal, aparentemente mais fácil de ser decodificada, e as linguagens simbólicas. São vários os tipos e as formas das expressões religiosas populares que sacralizam lugares, épocas, pessoas e almas, como também são múltiplas as formas de participação. O cenário religioso popular tem um papel importante na vida do povo, pois uma função da religião, entre outras, junto às camadas populares, é de adaptação e ajuste à vida cotidiana.

## **2. As folias de Reis – origem e desenvolvimento**

As Folias de Reis têm suas origens nas celebrações e comemorações e crenças ibéricas. A celebração popular do ciclo do Natal remonta ao século XIII, sendo atribuída a São Francisco, com a instituição do presépio e das *Sacre rappresentazioni*, por volta de 1223. Essas homenagens e comemorações em honra do Menino Jesus aconteciam primeiramente dentro das igrejas. Foram-se afastando, indo para o adro, depois para as residências e, mais tarde, alcançaram as praças públicas, o que possibilitou a introdução de outras manifestações, como cenas cômicas, danças e improvisação de versos. Foram sendo organizadas sem a presença de padres ou representantes da hierarquia católica. Em Portugal, o costume de cantar pelos reis, por ocasião da epifania, recebeu também a denominação de “Janeiras”. Isso acontecia entre o final do mês de dezembro e o início do mês de janeiro. É necessário considerar, ainda, que esse costume religioso foi-se mesclando com as tradições que havia em outros países europeus. No caso brasileiro, as Folias de Reis não chegaram prontas, mas sofreu um processo migratório fragmentário e de longa duração

Foram introduzidas no Brasil no século XVIII. Foram adaptadas pelos missionários, como um instrumento catequético. Devido à necessidade de comunicação entre índios e

portugueses, catolicismo e religiões indígenas, as danças, as cores, as músicas se mesclaram com os costumes silvícolas. Essa adaptação e “sincretismo” já nos acena para o fato de que nenhuma religião existe em estado puro. Todas sofrem influências diversas. O mesmo ocorreu em suas origens na Península Ibérica. Os velhos autos peninsulares, os romances históricos, as novelas cavalheirescas, tanto em Portugal como na Espanha espelhavam suas influências nas Folias de Reis. Isso nos revela que o catolicismo introduzido pelos portugueses, tornou-se, desde os primórdios um catolicismo híbrido, mesclado com as tradições e ritos indígenas e, ainda, com a cultura e as religiões trazidas pelos africanos. Na realidade isso aconteceu com a cultura, a sociedade brasileira e nosso folclore. Do ponto de vista musical, nossa tradição é rica no ritmo, na melodia e nas letras.

Depois da celebração do Natal, as Folia de Reis desfilam nos povoados, nas cidades, visitando os presépios. Entram nas casas, levando os moradores a outros lugares e a outros tempos. Tempo das origens da fé. Tempo de Herodes, símbolo do mal. Tempos dos Reis Magos, imagem do bem. Duas atitudes estão aí representadas. Descompassos da história e da vida. Muitos séculos se passaram, mas o cenário da vida humana ainda continua povoado por valores e contra valores. Essa representação traz uma nova vertente simbólica? Quais os anseios do homem de hoje que a centenária bandeira do Menino Deus ilustra? Em Perdões, A Folia Nossa Senhora do Rosário recolhia esmolas para a Vila Vicentina da cidade. Segundo João Vicente que carregava a bandeira:

Ajudá os pobre é ganhar as bênção de Deus. Desde o ano passado (2004) que cantamos para ajudar a Vila Vicentina daqui. São muitos pobres. Tudo ta cada dia mais caro – remédio, comida e roupa. E sem falá nas cadeira de roda. Nós não somo rico, rico é Deus que nos dá saúde pra canta e pedir pelos irmãos que estão doente. É o Menino Jesus que dá força e saúde para gente pra gente está aqui.

As Folias de Reis trazem em cena a afirmação da esperança. Em Itaguara, a Folia de São Benedito guarda uma tradição de que um membro deve participar sete anos consecutivos, segundo a tradição. Isso lhe trará saúde e prosperidade. Antônio afirma:

Já canto nesta Folia tem 9 anos. Trago meu filho e meu neto. Venho pedir e agradecer o Menino Jesus pela minha família. Agente vive bem, tem trabalho e nunca faltou comida em casa. Minha mulher teve um problema na perna. Fiz a promessa de dar café para todos os cantadores durante os

dias da cantoria. Olha que ela melhorô bastante e hoje não tem mais nada não. Meus netos têm muita saúde e vive com união entre lês, os pais e nós. Quero cantar mais tempo ainda. Na promessa o Menino Deus me atendeu, agora eu devo agradecer mais do que prometi.

Com alegria, fé e esperança esse membro do grupo expressa sua devoção. É um grupo pequeno, com apenas nove participantes. Há um violão, dois cavaquinhos, um pandeiro. Uma criança carrega a bandeira com estampas de vários santos. No centro está a figura do Menino Jesus na manjedoura. Os cânticos sempre o mencionam, louvando e agradecendo. Bandeira, beijos dos fiéis no percurso e nas casas. Dançar, cantar, rezar, fazer invocações são formas do *homo festivus* que se entrega ao louvor, para renascer na esperança.

Atualmente as Folias de Reis estão presentes em diversas regiões brasileiras. Festa visível da cultura e da fé. Continuam refletindo a vida, recriando-a, conjugando festividade e devoção, gracejos e sentimentos para espantar o mal. Assim se expressam na cidade de Perdões: “Só o Deus Onipotente / Tem o poder de salvar / O Menino que nasceu / Lá na gruta de Belém / E é Salvador também”.

Esse leigo ativo do catolicismo popular dinamiza as rezas, as devoções, a crença. Traz também as marcas de uma concepção mágica da religião, através do milagre, do sacrifício e da penitência. O nascimento de Jesus é um exemplo, um modelo para a humanidade. No Estado do Rio, os cantores ecoam o seguinte verso: “Porque foi nascer Jesus / Em tão pobre lugar, / Para não haver soberbia / E para exemplo nos dar” (VIEIRA,1989).

Receber o cortejo, os cantos, as rezas e beijar a bandeira do Menino Deus é sinal de devoção e respeito dos moradores. Experiência mágica e mística. Sentimento familiar da fé e da crença. Através das famílias o catolicismo criou / cria raízes no solo brasileiro. Promotora da fé católica. Expressão de solidariedade e partilha. Importante ressaltar que o grupo produz a própria religiosidade. Os atores são os membros da Folia de Reis e, ainda, são os agentes de seus bens religiosos – a crença, os símbolos, a devoção e suas diversas formas de representação.

Na igreja se entra em silêncio. Em frente ao presépio desse recinto sagrado pode-se cantar ou não. Depende do vigário, da norma da Igreja. Como o catolicismo popular está

carregado de sentimento, mistério, piedade, necessita de uma compreensão pastoral e uma mediação que perceba seus valores (Cf. LIBÂNIO, 1977).

O catolicismo popular, com matizes diversos, contribuiu para ir moldando a cultura brasileira, como já pontuei anteriormente. A religião estava sempre presente âmbito familiar e nas manifestações públicas. Criava laços de sociabilidade e fraternidade entre as pessoas.

Verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e de sentimentos. Predominantemente coletivistas, os vindos das senzalas; puxando para o individualismo e para o privatismo, os das casas-grandes. Confraternização que dificilmente se teria realizado se outro tipo de cristianismo tivesse dominado a formação social do Brasil; um tipo mais clerical, mais ascético, mais ortodoxo; calvinista ou rigidamente católico; diverso da religião doce, doméstica, de relações quase de família entre os santos e os homens, que das capelas patriarcais das casas-grandes, das igrejas sempre em festa – batizados, casamentos, festas de bandeira dos santos, crismas, novenas – presidiu o desenvolvimento social brasileiro. (FREYRE, 2001, p. 409)

Embora a religião tenha tido a força de revitalização e solidariedade, não se pode esquecer também sua aliança com o sistema de dominação patriarcal e colonizador. Contribuiu para adaptar os indivíduos e ajustá-los ao *status quo*. E hoje, qual o significado dessas manifestações tradicionais?

As classes populares produzem suas idéias, no entanto, os vestígios escritos são extremamente fragmentários. Tem de se recorrer a tradições populares que foram recolhidas na época moderna ou contemporânea. As tradições religiosas não se exprimem apenas em palavras, como afirmei anteriormente, mas também em gestos e ações coletivas. Interpretá-las é um assunto importante e delicado. Esse exercício implica a escuta e muitas outras articulações. Como afirma Michel de Certeau: “a festa não se reduz aos registros e aos restos que ela deixa” (CERTEAU, 1995, p. 243).

Edificada no modelo casa grande e senzala, a concepção católica tinha uma forte expressão no arranjo da sociedade brasileira colonial. Essa estrutura se manteve forte e sólida na pregação, na concepção de mundo e sociedade que se ia plasmando. Enfim, através de um conjunto de práticas, tendências, símbolos, significados e toda uma ideologia que orientou a organização social. Essa estrutura “casa grande e senzala” foi definindo



também o papel do catolicismo. Além das idéias e normas, os ritos e símbolos foram sedimentando a realidade, como também a maneira de se comportar e atuar junto aos diversos grupos. Isso vinha expresso nas manifestações religiosas oficiais e não oficiais da fé cristã. Segundo Thales de Azevedo:

A religião civil não são somente as idéias e as normas. [...] Traduzindo símbolos, intensificando sentimentos comuns, estimulando as emoções em torno de determinados valores, os ritos promovem a consciência social e fazem internalizar as ideologias e as místicas estatais (AZEVEDO, 1981, p. 113).

A presença marcante da religião católica teve um significado forte na formação do povo brasileiro, por meio de festas, percepção do tempo e espaço e pelas representações simbólicas, que expressavam seus sentimentos, aspirações, necessidades. Um dos aspectos evidentes é o fato de ser um catolicismo tradicional, marcado pela fidelidade ao passado. Dentro dessa mentalidade subsiste uma concepção da história como um processo cíclico, sem ser essencialmente estática<sup>4</sup>. Esta mentalidade está muito ligada à periodicidade da natureza, ao ciclo das estações, ao tempo de chuva e sol, à época do plantio e da colheita. Nesse contexto compreende-se a força do sobrenatural, através das devoções para ajudarem nos problemas de saúde, trabalho e afugentar o mal que ronda a vida das pessoas.

O catolicismo popular expressa uma trama ordenada de símbolos, o que faz com que sua prática seja real e possa, ainda, dinamizar a vida de muitos grupos. A invocação dos santos e a persistência de muitas representações religiosas têm uma referência simbólica. Segundo Eduardo Hoornaert:

O simbolismo religioso é fonte válida para pesquisa da vida do povo, pois sua linguagem é sincera, embora difícil de ser interpretada. A religião diz respeito a experiências humanas concretas. E mais constitui uma história simbólica de grande valor. [...] As imagens de Nossa Senhora das Dores,

---

<sup>4</sup>Ao estudar o significado entre o passado e o presente no quadro da memória coletiva, expressa Le Goff: "Qual a parte de inovação que as sociedades admitem na sua ligação com o passado? Só algumas seitas conseguem isolar-se e resistir totalmente à mudança. As sociedades tradicionais, especialmente as camponesas, não são tão estáticas como se julga. Se a ligação ao passado pode admitir novidades e transformações, na maior parte dos casos o sentido da evolução é apercebido como decadência ou declínio. A inovação aparece em uma sociedade sob a forma de um regresso ao passado: é a idéia força da renascença". LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas,:Unicamp, 1992, p. 213

da Conceição, do Rosário refletem a vida nos engenhos. (HOORNAERT, 1978, p. 13).

Longe a concepção de que o catolicismo popular seja sinônimo de atraso cultural ou tradicionalismo. Em muitos casos predomina uma profunda vontade de viver e de fazer valer os valores, a esperança e a memória<sup>5</sup>. Isso está expresso no depoimento do Senhor Antônio, chefe da Folia de São Benedito, de Itaguara.

### **3. A esperança no bem e a vitória sobre o mal nas Folias de Reis**

A religiosidade popular não é um mero acervo histórico-cultural, mas sim expressão de vida. É um reflexo da ação das pessoas. Está circunscrita no cotidiano, na repetição, nas permanências e singularidades. Histórias, contos, hinos, poesias trazem a lembrança dos santos para o dia-a-dia. Na verdade, em todas as expressões populares há um jogo de construção e reconstrução, na dialética do tempo curto e do tempo longo (Cf. VOVELLE, 1987). Isso ocorre na uniformidade e diversidade das manifestações religiosas. Conseqüência das múltiplas temporalidades e dos múltiplos sujeitos. Além disso, a religiosidade popular guarda um vivido em união, partilhado com os vizinhos, os amigos, a família. Isso está presente nos depoimentos das duas Folias – pedir esmolas para ajudar os pobres. Este intercâmbio de favores constitui uma de suas características. O povo partilha com o outro suas emoções, suas esperanças, suas dores, sua fé, pois “com Deus existindo tudo tem força”. Entendimento dos valores humanos e da fraternidade cristã.

Na evolução histórica do Brasil, as Folias de Reis sofreram um processo de aculturação que as modificou, conseqüência do fenômeno da transplantação, tendo como resultado atitudes e comportamentos novos, com relação aos componentes religiosos e culturais originários, como afirma Pierre Sanchis:

A cultura fragmenta-se: “diversificação” e descoberta do implícito diálogo intracultural passam a integrar sistematicamente qualquer processo de

---

<sup>5</sup>No Brasil muitos movimentos populares comprovam seu dinamismo como Canudos, Contestado, Cabanagem e os diversos conflitos generalizados contra as grandes propriedades e as diversas formas de autoritarismos atualmente.

análise. [...] A cultural, mais do que acervos de traços, sistema cognoscitivo, visão do mundo, etos, é um processo intercomunicacional: criação e desaparecimento, estruturação e desestruturação, compartilhamento ativo ou abandono de visão de mundo etc. Também, e como uma cultura, uma identidade social não “é”, mas faz-se e desfaz-se constantemente (SANCHIS, 1996, p. 32-33).

As expressões populares têm suas raízes em outros tempos históricos, mas devem ser entendidas em termos atuais e não como simples resíduos ou sobrevivências. As mudanças sociais, as diversas formas de diálogo e práticas entre diferentes grupos, no tempo e no espaço, são fatores que explicam os acréscimos em seu percurso. Portanto, não se pode ler / entender as Folias de Reis como uma totalidade homogênea e / ou apenas como uma expressão pretérita. Ao migrarem, as tradições e expressões culturais e religiosas, em suas diversas formas, mudam seu entorno, transforma-se e / ou são transformadas.

A visita de um grupo de Folia de Reis é esperada com alegria e festa. O catolicismo popular é uma forma de exprimir os sentimentos e as emoções das camadas populares. Torna presente o ausente no cotidiano da vida. Através das diversas manifestações, o povo conquista seu espaço, organiza-o e o recria. Sob muitos aspectos, é um meio de fazer valer seus valores, seus desejos e utopias. É uma forma que as camadas populares têm para fazer valer sua história de vida. Ocorre, assim, um engajamento religioso e social do grupo. Permeado por um discurso menos elaborado e mais modesto, procura dar sentido à existência, organizar a visão de mundo, entender e explicar os diversos problemas. Isso é o que podemos perceber nas Folias de Reis. Existe nas manifestações populares uma consciência da vida, mesmo sendo diversificada e disseminada.

Algumas dificuldades estão presentes nos dois grupos. Há um número reduzido de participantes. Segundo João Vicente:

Antes tinha muito mais gente e muito mais Folia. Lembro que lá em casa, eu era dessa Folia e meus dois irmãos pertenciam a outras. As capelas das roça tinham Folias. No povoado chamado Retiro dos Pimenta tinha 3 Folias de Reis. Acho que ta acabando, mas enquanto eu viver eu vou cantá pro Menino Jesus. Hoje com tanta violência, a gente tem que pegá com Deus e com os santos. Sem fé a vida não vai pra frente, agora com Deus tudo dá certo. Assim como os três Reis Magos nós, o povo todo deve prestar homenagem ao Menino Jesus. E junto está Nossa Senhora, São José que naquela época protegeram ele do Rei Herodes.

As Folias de Reis representam muito para ele e para todo o grupo. Segundo um componente, só é permitido beber cachaça no último dia. Não há uma data fixa para terminar as comemorações. Pode ser no dia 06, dia dos Reis Magos ou no dia 07 de janeiro. Se uma pessoa pede para cantar, esse pedido deve ser atendido, por isso, o encerramento não tem data fixa.

Ainda há muito para pesquisar sobre as Folias de Reis. Aprofundar as influências advindas de sua relação com a indústria cultural. Diante de um mercado unificado de bens culturais, qual o significado dessa festa para as novas gerações? Como preservar essa memória histórica, diante da produção de um eterno presente? A distância, o desconhecimento e o esquecimento tolhem a memória. Se os eventos se distanciam, a tendência é recompô-los em conjunto, frente à simbiose de nomes, datas e significação. Uma pesquisa histórica não é apenas soma de acontecimentos. É reconstrução histórica. Essa reconstrução acontece a partir dos elementos comuns ao grupo, por isso é importante a existência de uma comunidade afetiva. O problema da fragilidade da memória religiosa vem sendo discutido por vários estudiosos, entre esses destaco (HERVIEU-LÈGER, 1987, 1997). Essa é uma questão a ser mais estudada. As manifestações populares constroem / reconstroem modelos de humanidade. Além do aspecto religioso são trocas de convivências. Relicários de sentimentos e partilhas. Experiência híbrida do sagrado, dos múltiplos sagrados que compõem o imaginário religioso.

Os uniformes com suas cores não são mais as características dos dois grupos. As cores estão nos palhaços e na pessoa que carrega a bandeira. Os instrumentos também estão enfeitados com fitas coloridas. Há cânticos para saudar os donos da casa. Muitos são improvisados e têm como tema a bondade do convidado, quando oferece comida, esmola ou outro presente.

Em Perdões foi organizado no ano 2000 um encontro de Folias de Reis. Havia 17 grupos que se encontraram na porta da Igreja Matriz. Oito grupos vieram de cidades vizinhas. Foi possível perceber a ausência de mulheres. Em 6 Folias, elas estavam presentes carregando bandeiras. No entanto, não dançavam nem cantavam. Usavam uma roupa comum sem enfeites ou adornos. Muitos comentavam a difícil situação de organizar os grupos. De modo geral, o trabalho, a ausência de jovens, mudança de alguns componentes

para outras cidades eram as causas maiores. Todos marcam sua presença com seu dinamismo e seu caráter festivo. Esse encontro foi uma significativa manifestação social, particularmente porque se fazia notar pelo número de Folias que lotaram a praça da igreja. “É ritual, divertimento, mas também modo de ação e resistência. Ela reaviva as velhas tradições, reforça laços de origem, mas também incorpora novos elementos e anseios e recria, no presente, os sentidos históricos de sua existência” (AMARAL, 2001).

A presença de grupos, as cores nas ruas, os cânticos mudam o ritmo da cidade e, por isso, fazem pensar. Continuam a memorar tradições – os Santos Reis e o Menino Jesus. Gaspar, Baltazar e Belchior deixaram seus reinos e foram adorar o Menino Jesus.

Segundo Sr. Antônio da Folia de Reis de Itaguara:

Naquele tempo o mundo inteiro parou porque nasceu Jesus. Uma estrela brilhava mais do que as outras. Era um anúncio. Mas só entendia aqueles que tinham fé. Os Santos Reis queriam conhecer o menino. E foram andando... Aí o coração deles abriu e viram o Menino Jesus. Hoje continuamos cantando. É nossa missão... Quem tem fé vai longo como os Santos Reis. Nosso canto é para chamar o povo, a cidade inteira pra louvar a Deus.

O povo defronta-se com dificuldades de sobrevivência a todo momento. Suas próprias condições socioeconômicas são desafiantes. O religioso abre possibilidades de esperança. É preciso vencer. Abrir caminhos frente à inconstância, ao risco e à insegurança. Nesse sentido afirmam: “Com Deus tudo rompe”. Por isso, há uma busca de segurança e proteção. Cumprindo a missão de cantar nas Folias, Deus dará proteção e paz.

A oração, a promessa e o pedido de esmolas ajudam a abrir os caminhos. Essas expressões devem ser comunicadas e guardadas na memória. A fé é uma relação espontânea e imediata com os santos e, conseqüentemente, com Deus. Ela se dá sob o signo do cotidiano devocional – fazer o sinal da cruz, tirar o chapéu ao passar diante de uma igreja, referenciar uma imagem. Nesse universo estão também as estampas de imagens de santos, as bandeiras – formas de vivificar a lembrança do Menino Jesus e dos Santos Reis. Segundo Frei Bernardino Leers: “O relacionamento entre o homem, seu Deus, seus santos e demos é um dinamismo de que todos participam e em que todos se transformam” (LEERS, 1984, p. 113).

As expressões religiosas populares têm uma estreita relação com as manifestações culturais de cada região. Sendo assim, expressam seu pensamento, suas tradições e seu

modo de vida. É um momento de festa, alegria, folga, solidariedade. Com toda urbanização e indústria cultural, as expressões populares teimam em se manterem vivas, coloridas. Vindas de uma tradição coletiva, são vividas pelos grupos como expressão de esperança na vida. Pode-se afirmar que as Folias de Reis presentificam as tradições – eterno porvir.

Embora estejam próximas, as Folias de Reis em Perdões e em Itaguara, como em outros lugares, mantêm certas diferenças na coreografia, nos cânticos, nas danças, nas roupas e nos versos, por um lado. Por outro, há características gerais que permitem que sejam chamadas “Folias de Reis”. Estão presentes nas diversas regiões brasileiras, “Considerando-se cada Região no seu todo, indiscutivelmente, o berço das Folias de Reis é a Região Sudeste (SP, RJ, MG, ES). Elas estão presentes nos quatro estados, de maneira relativamente homogênea, mas com algumas áreas excepcionalmente concentradas” (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 175). Como afirmei no início deste trabalho, a fragmentação da origem não terminou naquele período, continuou e continua até hoje. Em algumas regiões de Portugal, como no Distrito de Mação, em Portugal, rapazes e moças cantam em algumas casas, recebem oferendas e terminam com um jantar. As quadras cantadas não são apenas de louvor, mas também de petição (Cf. MARTINS, 1974, P. 88-90) <sup>17</sup>.

Para concluir este estudo, retorno às origens lusitanas, valendo-me de Vieira em seu Sermão da Epifania. Segundo esse pregador, a epifania é o nascimento da cristandade na quarta parte do mundo – a América. Se a estrela guiou os Magos até Belém, a nação portuguesa também foi guiada para apresentar o Novo Continente a Cristo.

Nasceu hoje a Cristandade, porque os três reis que neste dia vieram adorar a Cristo foram os primeiros que o reconheceram por Senhor, e por isso lhe tributaram ouro; os primeiros que o reconheceram por Deus, e por isso lhe consagraram incenso, os primeiros que o reconheceram por homem em carne mortal, e por isso lhe ofereceram mirra. Vieram gentios, e tornaram fiéis, vieram idólatras, e tornaram cristãos; e esta é a nova glória da Igreja, que ela hoje celebra, e o Evangelho, nosso pregador. (VIEIRA 1993, p. 412).

A arte retórica de Vieira compara a devoção aos Reis Magos à cristianização do Brasil feita pelos portugueses; hoje, no entanto, ela tem um caráter integrador. O ciclo do Natal é coroado com as Folias de Reis que são promessas de comunidade. É uma forma de afirmar a esperança e unir os grupos que se encontram anualmente. Expressão de alegria,

vida. Prevaecem os sentidos, o desejo e a expressão dos corpos. “A mística do religioso permeia a realidade e dá sentido aos episódios da vida. Partilha segredos e desejos.” (PASSOS, 2001, p. 186, 190). Forma de compactuar com o mistério, com o sagrado. Neste sentido, pode ocorrer um entrelaçamento de expressões religiosas, por uma sobreposição de símbolos e significados. As Folias de Reis constroem formas para vencer o mal e pedir proteção para ano que está se iniciando. Ato de produção da vida.

### Referências bibliográficas

AMARAL, Leila. Perspectivas de populações locais sobre o turismo cultural nas festas brasileiras ou: festa para que(m)? In: Revista de Antropologia Experimental, n. 2001. Disponível em : <<http://www.Uyaen.Eshuesped/era/2001>>. Acesso em 20 maio. 2003.

AZEVEDO, Thales. **A religião civil brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CERTEAU, Michel. Cultura popular e religiosidade popular. **CADERNOS DOS CEAS** (1975), p. 52-59.

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

ENTREVISTAS COM DIRIGENTES DE FOLIAS DE REIS. Mauro Passos. Itaguara, 20/01/2002.

ENTREVISTAS COM DIRIGENTES DE FOLIAS DE REIS. Mauro Passos. Perdões, 04/01/2002.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; CHAMPION, Françoise. **Vers un nouveau christianisme?** Introduction à la sociologie du christianisme occidental. Paris, Éditions du Cerf, 1987.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. La transmission religieuse en modernité: éléments pour la construction d' un objet de recherche, **Social Compass** 44 (1997).

HOORNAERT, Eduardo. **A formação do catolicismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LEERS, Bernardino. O ethos popular no Brasil. **Revista do Centro de Ciências Humanas** 3 (1984), Belo Horizonte.

LIBÂNIO, João Batista. **O problema da salvação no catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1977.

MARTINS, Manuel de Jesus. **Monografia de eventos**. Junta Distrital de Santarém, s/ed. 1974.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Religiosidade no Brasil: imaginário, pós-modernidade e formas de expressão. **Estudos da Religião**, São Bernardo do Campo, ano XII, v.15, p.39-50, dez. 1998.

PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida – significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PESSOA, Jadir de Morasi; FÉLIZ, Madeleine. **As viagens dos reis magos**. Goiânia: UCG, 2007, p. 175.

SANCHIS, Pierre. **Arraial de um povo: as romarias portuguesas**. 2<sup>a</sup>. Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SANCHIS, Pierre. A crise dos paradigmas em antropologia. In: DAIRELL, Juarez(org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

VIEIRA, Antônio. **Obras Completas - Padre Antônio Vieira**. Sermões vol. I. Porto: Artes Gráficas, 1993.

VIEIRA, Sônia Maria. **Folia de reis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

VOVELLE, Michel. **Ideologia e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Recebido em 22/10/10

Aprovado em 10/01/11

---